

# Sarney impõe estilo ao compor equipe

José Negreiros  
e Henrique José Alves

**Brasília** — No início de dezembro do ano passado, quando ficou pronta a primeira versão da reforma ministerial, o presidente José Sarney assumiu um ar enigmático, do qual todos reclamaram, mas começou a fornecer algumas pistas. Alguns de seus interlocutores, por desconhecem o estilo do presidente, desprezaram esses sinais, porque estavam interessados em nomes, sem perceber que Sarney estava traçando o perfil do futuro governo.

— Aquela equipe que eu montei no governo do Maranhão era muito boa, jovem, eficiente. Muita gente estava começando. Havia o Zé Lins (senador José Lins, secretário de Planejamento), depois teve o Fialho na Prefeitura — lembrou o presidente e começou a enumerar os ex-colaboradores, para depois invocar a memória de amigos já falecidos.

— Ah, se o Bandeira Tribuzzi e o Odylo Costa Filho fossem vivos estariam aqui, comigo, morando em Brasília, ajudando — entusiasmava-se ele com as reminiscências, alimentadas por lentos goles de vinho do Porto, após a repousante sauna do Palácio da Alvorada.

Naquele dia, véspera do Natal, Sarney já não fazia segredo da primeira peça que moveira ostensivamente no tabuleiro da reforma: Marco Maciel trocava a Educação pelo Gabinete Civil. E, além disso, avançava um dos critérios determinantes da substituição de ministros: alguns dos novos poderiam ser recrutados entre os integrantes da equipe que com ele governara o Maranhão entre 1966 e 1970.

— Sairão entre 10 e 13; ficarão entre 11 e 8 — antecipou com sorriso cheio de mistério um assessor que em janeiro ouviu novas revelações do presidente. De fato, saíram 10 ministros, mas naquela época poucos sabiam que a conta poderia incluir 13, se fossem somados João Sayad e Aureliano Chaves, que, por motivos diferentes, foram confirmados à última hora.

## Obra de autor

Quem conhece esses pequenos detalhes está convencido de que a reforma de Sarney é uma obra de autor, na qual é possível identificar desde os traços ousados até as distrações, ou pequenos detalhes que parecem inacabados aos olhos dos especialistas. Por exemplo: a maneira oblíqua que encontrou para confirmar no cargo o ministro das Comunicações, Antônio Carlos Magalhães. No início do ano, o ministro convidou o presidente para o lançamento do satélite brasileiro de comunicações, que ocorrerá em março, em Natal, e Sarney respondeu:

— Não, eu não vou. Quem vai é você.

Refratário à influência do deputado Ulysses Guimarães, sensível à opinião dos amigos, mas principalmente fiel à sua experiência como administrador, o ministro Sarney é o produto de suas decisões solitárias e das opções em torno de nomes, a partir daqueles que o presidente resolveu despedir. Na primeira semana de janeiro, ele começou a cuidar desse capítulo, num diálogo extremamente habilidoso com o ex-ministro da Indústria e do Comércio, Roberto Gusmão, que nesse dia soube que deixaria o governo.

— Se você quiser ficar, fica — começou dizendo o presidente ao ministro que queria substituir. Mas se achar melhor sair, ajudará



Dante foi sondado

muito se for coordenar a sucessão do Montoro — avançou Sarney. E finalmente: "Homem como você é importante para pôr o guizo no pescoço do gato. E você sempre poderá voltar. Haverá sempre lugar para você a qualquer momento".

Em outros momentos, contudo, o presidente da República respondeu alternativas de nomes de forma tão sutil que isso constituiu surpresa, mais tarde, até mesmo para os próprios políticos sondados. Nesse caso, está o prefeito de Cuiabá, Dante de Oliveira, que no dia 31 de janeiro estava em Brasília para o café da manhã no Alvorada.

— Dante, quem é o seu vice? Qual a origem partidária dele? Vocês se entendem bem? — indagou Sarney.

O ex-deputado patrono da campanha das "diretas já" foi respondendo uma por uma às perguntas do presidente, mas julgava que elas se destinavam a avaliar a possibilidade de sua candidatura ao governo do estado. "Presidente, eu não desejo abandonar a prefeitura de minha cidade", disse ele. Apenas na semana passada, ao discutir com Sarney uma solicitação de verba, ouviu dele:

— Sabe que você quase foi meu ministro?

Dante não sabia, até porque a filha do presidente, Roseana Murad, gostava de fazer suspense especialmente com a escolha do substituto de Maciel, dizendo: "Vai ser um nome importante, muito estimado, que tem unanimidade e nunca mencionado nas especulações da imprensa".

## Trunfo de Maciel

Na quinta-feira antes do carnaval, o ministro Marco Maciel foi reservadamente ao Palácio do Planalto e disse ao presidente da República que não poderia assumir o Gabinete Civil entregando o Ministério da Educação ao PMDB. Sairia muito desgastado junto ao PFL, que interpretaria a troca como um gesto de ambição pessoal, no qual o ministro cuidava muito bem de seu próprio destino e muito mal do futuro político de seu partido.

O presidente concordou, encerrando uma luta disputadíssima, que começara logo após a confirmação oficial de Maciel. O PMDB, depois sobre o MEC com enorme apetite, devonou que o líder na Câmara, Pimenta da Veiga, deu



Gusmão: "guizo no gato"

as primeiras declarações pregando a preservação por parte do partido do número de vagas no novo governo. O PFL respondeu, imediatamente, com uma série de reuniões separadas entre Maciel e Antônio Carlos e, mais tarde, dos dois com Jorge Bornhausen, que, na verdade, queria ser ministro da Indústria e do Comércio, mas foi convencido a trocar de ministério para aumentar o espaço do seu partido.

Árbitro de uma briga pelo MEC, em outra situação Sarney aparece aderindo com entusiasmo à idéia de um visitante estrangeiro e cria o ministério extraordinário da Irrigação. O ministro Vicente Fialho deve sua nomeação a um chinês sexagenário, sorridente e empolgado com o Brasil: o primeiro-ministro Zhao Ziyang, que visitou o país no final do ano passado.

— A irrigação é a redenção da China. E o Nordeste brasileiro é muito parecido com a China — disse Ziyang. Sarney, que emprega no sítio de São José de Pericumã uma dúzia de lagos artificiais para melhor desenvolver pequenas culturas, sedimentou o plano de criar um grupo de trabalho para administrar o programa de irrigação.

A marca do presidente no novo ministério não está apenas na escolha pessoal de nomes, ou na forma reservada com que negociou com Ulysses Guimarães, imune a pressões do PMDB e determinado nas preferências que bem cedo elegeu.

O ministro da Fazenda, Dilson Funaro, padrinho de João Sayad, de Seplan, que permaneceu no ministério, tentou também indicar ministros para Indústria e do Comércio e Agricultura, áreas cuja afinidade com a Fazenda considerava imprescindíveis. No domingo anterior ao carnaval, Funaro estava na Fazenda São José do Pericumã, à hora do almoço. Lá fez uma defesa candente das qualidades do empresário Antônio Ermírio de Moraes, que gostaria de ver no Ministério da Agricultura. Funaro chegou a invocar a memória do pai de Antônio Ermírio, o Senador José Ermírio de Moraes, uma autoridade em agricultura, mas após ouvir com atenção, o presidente comentou de forma sucinta:

— Eu já tenho o meu ministro da Agricul-

tura — e no dia seguinte, ele fazia o convite ao ex-governador de Goiás, Iris Rezende.

## Aureliano atrapalha

A estratégia do presidente, entretanto, foi bastante prejudicada com a decisão do ministro Aureliano Chaves de permanecer nas Minas e Energia. Houve um momento, na véspera do carnaval, em que Sarney alegou a Ulysses dificuldades em continuar conversando antes que Aureliano decidisse seu destino político, pois disso dependeria as compensações que daria ao partido que perdesse o ministério das Minas e Energia. Sarney pediu, então, que Bornhausen conversasse com Aureliano para que este antecipasse sua resposta, que só daria no dia 12.

Inaugurando o que ficou conhecido como "dia do fico moderno" (as bases lhe pediram que saísse e deixasse em seu lugar o deputado Paulino Cicero), Aureliano tomou sua decisão pegando Sarney pela palavra. Fracassou uma armadilha que o presidente preparara com o objetivo de estimular a candidatura do ministro a um cargo eletivo por Minas Gerais: em vez de fazer apelo para que ele continuasse no cargo, Sarney reproduziu a estratégia de demissão de Gusmão e disse que imaginava ter sua colaboração até o final do governo. Aureliano disse que iria reexaminar sua primeira posição. Por causa disso, Bornhausen, que iria para Minas e Energia, teve que mudar para a Educação, que poderia ser do PMDB se Aureliano fosse embora.

— Não vou fazer uma reforma do ministério que provoque traumas — pregava Sarney aos interlocutores que com ele tratavam do assunto — o próximo ministério será de transição, assim como é o meu governo. Eu vou me compondo, arranjando-me até o fim do mandato".

Foi em busca dessa composição, mais voltada para forças efetivamente leais a Sarney, que Maciel chegou ao Gabinete Civil, e desde muito cedo era um dos poucos além do presidente a dominar a fórmula da mudança.

— O presidente escolherá livremente seu novo ministério, embora vá buscar auxiliares entre os partidos que o apóiam. Mas ele não estará obrigado a manter a cota geográfica de hoje. Por exemplo: o Paraná manterá sua representação, mas a Bahia poderá perder um dos três ministérios.

Outro que previu o futuro foi o ministro do Exército, general Leônidas Pires Gonçalves, integrante da cota de seis ministros militares cuja substituição jamais esteve em cogitação. Antes do final do ano passado, o ministro revelou, por exemplo, a um grupo de assessores íntimos que Paulo Brossard substituiria Fernando Lyra.

O presidente pôs em prática, afinal, um jogo que ensaiara há algum tempo, a partir do momento em que apresentou a própria desincompatibilização eleitoral dos ministros que saíram como desculpa para mudar a equipe. E o PMDB só descobriu que havia perdido espaço depois que passou 72 horas para distribuir um ministério para dois estados. No final da tarde de sexta-feira, após a maratona das nomeações, o segundo vice-presidente da Câmara, Carlos Wilson PMDB-PE, perguntou a Ulysses:

— E então? Entre mortos e feridos escaparam todos?

— Isso nós só vamos saber após a reabertura do Congresso — respondeu secamente Ulysses.

## Estratégia manhosa derrota o habilidoso Ulysses

Antes de seguir para uma longa viagem de passeio pelo Extremo Oriente, no início de dezembro do ano passado, o presidente do PMDB, deputado Ulysses Guimarães, teve com o presidente José Sarney a primeira e vaga conversa sobre reforma ministerial. "Foi ótima", contou ele ao ministro de Ciência e Tecnologia, Renato Archer, seu amigo íntimo. Coberto de sigilo, o encontro passou despercebido de quase todos.

Ao sair da conversa com Sarney, Ulysses apostou que, em primeiro lugar, a reforma ministerial só entraria em pauta mesmo no início de fevereiro e, em segundo lugar, que o PMDB manteria os espaços que lhe foram dados generosamente por Tancredo Neves. Se acertou na primeira previsão, errou amargamente na segunda. De fato, as negociações políticas para a reforma só foram deflagradas para valer no início deste mês, mas as mudanças feitas por Sarney tiveram o sabor de um pesadelo para o PMDB. Ao cabo de duas semanas de marchas e contramarchas, Ulysses Guimarães perdeu no varejo e no atacado — isto é, tanto na indicação de nomes como na escolha dos critérios para a reforma ministerial.

Na primeira das inglórias batalhas que foi obrigado a travar, Ulysses não teve forças para impedir a previsível ascensão do ministro Marco Maciel ao Gabinete Civil da Presidência da República. Ao chegar da China, nos últimos dias de 1985, o deputado botou a boca no trombone e avisou, em reuniões preliminares com ministros do PMDB, que tentaria bombardear a ascensão de Maciel. Depois que a inconfidência vazou para as páginas dos jornais, Ulysses tratou de desmenti-la e deixou o assunto cair no esquecimento.

## Fato consumado

No momento em que a reforma entrou na ordem do dia, o presidente do PMDB cumpriu a profecia, opôs-se com as armas a seu alcance ao deslocamento do líder do PFL para o Gabinete Civil. Foi até onde pôde chegar e acabou se curvando a um fato consumado. Disposto a oferecer uma contraproposta a

Sarney, chegara até a indicar o nome do presidente do Banco do Nordeste, ex-senador Mauro Benevides. O presidente não levou a sério a indicação de Ulysses, pois como poderia nomear para um cargo de absoluta confiança do presidente alguém que mal conhece? Se Benevides é amigo íntimo de Ulysses, sempre esteve do lado oposto ao de Sarney.

É fácil verificar por que o presidente do PMDB não gostou da reforma ministerial. Basta comparar o ministério que saiu da cabeça de Sarney com aquele que faria o deputado, se pudesse influir decisivamente nos designios presidenciais. É claro que, para atenuar os efeitos da derrota, o presidente ofereceu-lhe prêmios de consolação, como a manutenção de João Sayad no Ministério do Planejamento e a doação do Ministério da Previdência Social ao PMDB do Rio. Mas, na verdade, entre o ministério dos sonhos de Ulysses e o que Sarney tornou realidade há um intransponível abismo.

Para o lugar de Olavo Setúbal, por exemplo, ele deslocaria Renato Archer, que passaria o Ministério de Ciência e Tecnologia ao secretário-geral Luciano Coutinho, um econo-

mista afinado com o PMDB. Para o Gabinete Civil, ao invés de Maciel, seria indicado Mauro Benevides. Para o Ministério da Educação, que passou para a órbita do PFL, o senador Fernando Henrique Cardoso. Para o Desenvolvimento Urbano e Meio Ambiente, Rafael de Almeida Magalhães, do PMDB-RJ, que acabou ganhando outro. O Ministério da Previdência Social teria outro dono: o deputado Euclides Scalco, do PMDB do Paraná, amigo íntimo de Ulysses e ligado à igreja católica. Já para a Agricultura, iria o deputado Gaúcho João Gilberto. Assim, seria feita a vontade do ministro Pedro Simon de preservar seu ministério em mãos do PMDB do Rio Grande do Sul. Para Indústria e Comércio, despacharia o empresário Diniz Diniz, que contava com o apoio do PMDB de São Paulo.

## Sem influência

Não se sabe ao certo quem gostaria de colocar no Ministério dos Transportes. Sabe-se, porém, quem ele não gostaria de ver ali — o ex-superintendente da Sudene, José Reinaldo Tavares, indicado por Sarney. Aliás, tão logo foi confirmada oficialmente a indica-

ção de José Reinaldo, o deputado apressou-se em reclamar de Sarney. Ulysses, por sinal, reclamou de muitas coisas. No último dia 6, uma sexta-feira, ele telefonou para o então chefe do Gabinete Civil da presidência, José Hugo, para protestar contra a maneira solitária e fechada com que Sarney vinha conduzindo a reforma. Acostumado a impor indicações a Tancredo, Ulysses não teve um milésimo da influência que esperava ter na formação da equipe de Sarney.

Ulysses começou a irrupção de seus rumos da reforma ministerial logo nas primeiras conversas com Sarney, no início deste mês. Na terceira, inquietou-se com a resistência do presidente, discutiu-se com a resistência do presidente. "Nesse dia, ele viu que as coisas estavam pretas para o seu lado", contou um ministro ligado a Ulysses. Pouco a pouco, iam se cristalizando as escolhas, à revelia do presidente do PMDB. Ao invés de pedir nomes ao deputado, Sarney preferiu pinçar os que queria dentro do PMDB. A manhosa estratégia deu certo: afinal, como Ulysses poderia se opor à escolha de alguém de seu partido?

Para agradar Pedro Simon, que ganhara o Ministério da Agricultura por imposição de Ulysses, o presidente do PMDB fez engenhosas peripécias. Como manter o ministério sob o controle dos gaúchos? Impedindo a ascensão do ex-senador Paulo Brossard ao Ministério da Justiça, pois, fosse qual fosse a equação de Sarney, o Rio Grande do Sul não ficaria com dois ministérios. Como sabia, entretanto, que Sarney queria fazer Brossard ministro, Ulysses indicou seu nome para o Ministério da Agricultura como uma das alternativas para mantê-lo com a seção gaúcha. Ao saber na véspera que Ulysses iria sugerir-lhe que Brossard cuidasse de cenouras e chuchus, em vez de leis e processos, Ulysses limitou-se a sorrir.

O chefe do Gabinete Civil, Marco Maciel, porém, sabe que não poderá despezar o apoio de Ulysses, se perde a batalha da reforma, ainda ostenta a condição de líder do principal partido de sustentação política do governo.

## A seleção de Ulysses

São estes os nomes que o presidente do PMDB, Ulysses Guimarães, queria ver no ministério que Sarney compôs:

**Relações Exteriores** — Renato Archer (nomeado Abreu Sodré)

**Ciência e Tecnologia** — Luciano Coutinho (continua Renato Archer)

**Gabinete Civil** — Mauro Benevides (nomeado Marco Maciel)

**Educação** — Fernando Henrique Cardoso (nomeado Jorge Bornhausen)

**Previdência** — Euclides Scalco (nomeado

Rafael de Almeida Magalhães)

**Agricultura** — João Gilberto (nomeado Iris Rezende)

**Planejamento** — João Sayad (mantido)

**Desenvolvimento Urbano e Meio Ambiente** — Rafael de Almeida Magalhães (nomeado Deni Schwartz)

**Indústria e do Comércio** — Abílio Diniz (nomeado José Hugo Castelo Branco)

**Irrigação** — PMDB de Pernambuco (nomeado Vicente Fialho (PMDB-CE), amigo de Sarney)